

A “adoção psíquica” e suas dificuldades

José Roberto de Almeida Correia, Márcio Allain,
Maria do Socorro Bernardes Amorim,
Ana Maria Barreto Campello de Lima,
Eunice Ferreira Lopes de Oliveira,
Telma Corrêa da Nóbrega Queiroz

Visando prevenir distúrbios psíquicos precoces, nós nos interessamos pela articulação do psicanalista com o pediatra e a assistente social no atendimento público de nossa região. Neste contexto, apresentamos reflexões surgidas no Centro Médico Psicopedagógico Infantil, CEMPI, desenvolvidas pelo Grupo Psicanálise e Pediatria.

Procuramos entender fatores em causa na adoção, e nos seus impedimentos. Estabelecemos a hipótese de que é a assunção da fantasia relacionada com a criança que dá lugar à adoção da fantasia realizando assim a “adoção psíquica”. Dificuldades no investimento dos pais se traduzem em transtornos da “adoção psíquica”. Distinguímos: adoção bem-sucedida, adoção recusada (autismo), abandono e adoção não decidida.

Tentamos desenvolver os conceitos propostos buscando basear a construção de suas formulações na literatura e em situações clínicas. A necessidade de formular esses conceitos e suas articulações justifica-se pelo entendimento de que as situações clínicas a eles associadas são terreno de escolha para a intervenção precoce.

Palavras-chave: Adoção psíquica, adoção recusada, autismo infantil, adoção não decidida, obsessionalização da maternagem, abandono, fantasia de gravidez, luto

De onde vêm e qual o destino para os bebês de nossa imaginação?
Adotar: acolher, observar, seguir... admitir, aceitar, reconhecer... tomar por filho, perfilhar, legitimar... (Ferreira, 1989)

Fantasia e adoção

A afirmação: “toda criança precisa ser adotada” ainda requer discussão, considerando-se a clínica dos distúrbios psíquicos precoces e severos da criança.

Qual a relação da adoção com a fantasia?

A idéia de criação está presente no conceito de fantasia. Em alemão, o termo *Phantasie* designa o mundo imaginário e a atividade criativa que o anima. Em francês, o termo *fantasme* tem uma extensão mais reduzida e designa uma determinada formação imaginária, mas D. Lagache propôs a palavra *fantaisie* para designar ao mesmo tempo uma atividade criadora e suas produções. Para Laplanche e Pontalis (1967), a fantasia está intimamente associada com o desejo no termo freudiano *Wunschphantasie* e especificam: “trata-se de roteiros, ainda que se enunciem numa só frase, de cenas organizadas, suscetíveis de serem dramatizadas a maior parte das vezes de forma visual...”

No português, encontramos uma transição para o tema que queremos abordar. Criação significa também: “Amamentação, lactação; Educação”. E a expressão “de criação” é usada para “o filho adotivo em relação a um membro da família que o adotou, ou vice-versa: *filho de criação, pai de criação, irmão de criação*” (Ferreira, 1989). Então é justamente na ausência de con-

sangüinidade que aparece no primeiro plano a relação da “criação” com a parentalidade, aqui representada pela adoção.

Pirandello (1977) trata de uma maneira inesperada deste tema em “Seis personagens à procura de um autor”. A peça estreou em maio de 1921, em Roma. O próprio autor diz tratar-se de um drama – que busca um meio de ser representado – de seis personagens que chegam num palco vazio. Eles surpreendem os pobres atores de uma companhia dramática que, durante o dia, estão ensaiando uma peça. São grandes a surpresa e a incredulidade com esses personagens que como que procuram um autor. Segue-se um interesse instintivo crescente pelo drama trazido pela estranha família, pelas paixões que os opõem. No desespero, os seis não conseguem ser compreendidos pelo diretor nem pelos atores. Daí resulta uma mistura de trágico e cômico, de fantasia e de realidade que, no seu desenvolvimento, leva a uma fúria trágica, devastadora.

Logo no prefácio Pirandello (Ibid.) propõe a chave para a leitura que nos interessa:

Acaso será que existe um autor capaz de indicar “como” e “por que” uma personagem lhe nasceu na fantasia? *O mistério da criação artística é idêntico ao do nascimento natural* (ênfase nossa). Uma mulher que ama poderá desejar muito ser mãe, porém, o desejo apenas, embora profundo e intenso, não é suficiente. Entretanto, um dia ela se tornará mãe, sem contudo ter-se apercebido do momento em que isso se deu. O mesmo acontece com o artista: vivendo, ele reúne em si um sem número de germes de vida e nunca poderá afirmar “como” e “por que”, num determinado momento, um desses germes vitais penetrou a sua fantasia para tornar-se, também ele, uma criatura viva, no plano da vida superior, acima da volúvel existência de todos os dias.

Adoção da fantasia

Na leitura de Pirandello o paralelo com as origens da vida psíquica torna-se mais evidente:

Nascidos vivos, queriam viver. ... Ora, apesar de todos os esforços, eu não conseguia descobrir esse sentido (um sentido na imagem artística que lhe dê um valor) naquelas seis personagens e por isso julgava que não valia a pena dar-lhes vida... E, em assim pensando, afastava-os de mim. Ou antes, tudo fazia para mantê-los afastados.

Mas não é em vão que se dá a vida a uma personagem (ibid.).

É assim que parece definir-se a idéia da peça:

Mas por que – disse para mim mesmo – não descrever um caso como este, realmente inédito, de um autor que se recusa a dar vida a algumas das suas person-

gens já nascidas vivas na fantasia dele, bem como o caso de como essas personagens, por possuírem definitivamente, em si próprias, a vida, não aceitam ficar fora do mundo da arte?... Quis representar seis personagens à procura de um autor; mas o drama, em seu aspecto trágico, não consegue emergir cenicamente, porque falta o autor que elas procuram inutilmente. Ao contrário, o que emerge e se representa é o aspecto cômico resultante dessa tentativa inútil delas, junto com tudo aquilo que há de trágico no fato de as seis personagens terem nascido recusadas (ibid).

Portanto, esse é o desafio de Pirandello, que poderíamos chamar de “representar o irrepresentável”. Aqui é possível uma articulação clara com o relato de autores que estudam patologias severas da criança, por exemplo comparando com D. Rybas (1992), em seu artigo “Irreprésentables de l’autisme infantile précoce”: “Para parafrasear Bion, eu diria que o que falta no autismo não são as representações, é o representor” (*Irreprésentables de l’autisme infantile précoce – Représentations sans représentation, sans représentant*).

No entanto, seu desafio não lhe impede de se perguntar: “Mas acaso será possível representar uma personagem, recusando-a? Evidentemente, para representá-la, faz-se necessário primeiro que seja aceita pela fantasia, e só depois expressada” (Pirandello, 1977).

40

Então, do ponto de vista artístico a necessidade de aceitar a *fantasia* corresponde ao que queremos definir: é a assunção da fantasia relacionada com a criança que dá lugar à adoção da fantasia realizando assim a *adoção psíquica*.

Há uma referência implícita ao abandono e à adoção por outros pais: “E eu efetivamente aceitei e realizei aquelas seis personagens, porém aceitei-as e dei-lhes realidade como personagens recusadas: à procura de um outro autor”. A esse respeito diz P. Renucci: “O seu autor as abandonou tão logo concebidas... Mas sob sua forma declarada, o tema das ‘crianças abandonadas’ da invenção artística, revoltadas contra seu ‘pai’, não reaparecerá mais” (na sua obra) (Pirandello, 1977).

Na seqüência, o autor ainda se questiona sobre as causas da recusa e insiste no risco de vida – “psíquica”, na nossa perspectiva – a que estão submetidas as personagens:

Mas devemos entender bem o que recusei delas. Evidentemente, não elas próprias e sim o drama delas que, sem dúvida, interessava sobremodo a elas e de maneira nenhuma a mim, pelos motivos expostos acima.

Mas o que vem a ser para uma personagem o “seu próprio” drama?

Cada produto da fantasia [do imaginário, na versão francesa. Note-se que o termo vale tanto para o sentido do que só existe na imaginação, quanto para o que diz respeito ao registro imaginário, isto é à relação especular, segundo Lacan], cada criação da arte deve, para existir, levar em si o seu próprio drama, isto é, o drama do qual e pelo qual é personagem. O drama é a razão de ser da personagem. É sua função vital, necessária para que ela possa existir.

Destas seis personagens, portanto, aceitei o “ser”, e recusei a razão de ser... Situação terrível e desesperada... Situação “impossível” da qual são impelidas a sair a qualquer preço, por uma questão de vida ou de morte (ibid.).

Então, do ponto de vista da adoção, não será surpreendente que o autor destaque o papel da mãe. Com uma certa ironia, ele diz que pela primeira vez a crítica considerou que uma personagem “humana” saiu de sua imaginação:

Há uma personagem, a Mãe, que, ao invés, não se interessa de maneira nenhuma pela vida se “ter vida” é um fim em si mesmo ... ela vive numa continuidade de sentimento sem solução ... ela parece estar contente por ter sido levada à presença do diretor (que poderia ser o autor: – O pai: Sim, mas se não há autor aqui!... [Ao Diretor:] A menos que você mesmo não queira sê-lo). Mas não certamente porque espere, também ela, *receber vida* por ele. Não. É porque espera do diretor a permissão de representar com seu Filho uma cena onde colocaria muitíssimo de sua vida. Uma cena, porém, que não existe, e nunca existiu ou poderá existir. ...

... Ela se manifesta apenas uma vez, obedecendo ao instinto materno que lhe insurge no íntimo e a obriga a contraditar e esclarecer que não foi por sua vontade que deixou o filho e o marido: o filho foi-lhe arrancado e o marido foi quem lhe impôs o abandono (ibid.).

Assunção e recusa

41

Qual o significado e a justificativa dos termos descritos?

A *fantasia de adoção*¹ (imaginário) quando relacionada com a *criança* (real) pode dar lugar a uma assunção² que entendemos como a *adoção da fantasia* (simbólico). De outro modo, teríamos a recusa³.

1. Pode ser útil distinguir a fantasia segundo o “objeto-causa” do desejo. Macalpine e Hunter (1953) referem-se a pacientes “que sofrem de fantasias de procriação arcaicas, pregenitais, assexuadas, expressas em sintomas físicos” (hipocondria).

O termo “procriação” é usado para enfatizar o aspecto primitivo destas fantasias. Fantasias de gravidez arcaicas em meninas são supostamente precursoras da gravidez “normal”. No entanto nem sempre é assim como mostram, por exemplo, os casos de pseudociese que de forma nenhuma são sempre histéricos... O forte desejo inato de dar ou prolongar a vida com a conotação de negar ou evitar a morte assegurando a imortalidade é uma das correntes principais da atividade humana e, por sublimação, do trabalho criativo em ambos os sexos. As próprias “Memórias” de Schreber são uma destas sublimações. ... É claro que escrevendo suas “Memórias” ele estava fertilizando e dando nascimento, isto é procriando de forma sublimada.

No mesmo texto, citam-se as expressões de Boehm, “inveja de parturição”, e de Jacobson, “desejos inconscientes femininos de criar crianças” (ibid).

Em 1956, Lacan (1981) destaca nas observações de Macalpine: *a.* Uma fantasia de gravidez é determinante no processo da psicose. *b.* Nunca se trata de castração em Schreber. O sujeito “é concebido como nascido na relação exclusiva da criança com a mãe, antes de qualquer constituição de uma situação triangular. É então que ele veria nascer nele uma fantasia de desejo, desejo de igualar a mãe na sua capacidade de fazer uma criança”. Haveria “uma impregnação imaginária do sujeito a renascer” (ver adiante). Contudo, “é preciso reconhecermos que o terceiro, central para Freud, que é o pai, tem um elemento significante irreduzível a qualquer espécie de condicionamento imaginário” .

Então “o que pode querer dizer ser pai?” ...“A forma mais problemática do significante *procriação*... não é a forma ser mãe, mas a forma ser pai”, significante colocado em suspensão na crise inaugural de Schreber. Afinal, “para que procriar tenha seu sentido pleno, é preciso ainda, nos dois sexos, que haja apreensão, relação com a experiência da morte...” (ibid.), a paternidade e a morte sendo os dois significantes reunidos por Freud a respeito dos obsessivos. (Relação com a morte que havia sido sublinhada por Macalpine em 1953.)

Já temos fantasia: de fertilização (ou impregnação), de procriação, de gravidez, de parturição, poderíamos acrescentar, de criar crianças... O interesse dessa distinção é o de admitirmos que uma assunção ou recusa em um desses níveis não acarreta a mesma posição no outro nível.

A particularidade da fantasia de adoção com sua significação de tomar por filho é de, no seu desdobramento, vir a constituir o momento determinante da parentalidade em que se articulam os três registros, imaginário, real e simbólico.

2/3. Qual a relação da assunção e da recusa: com o autismo infantil e com a *Bejahung* e a *Verneinung* de Freud?

O termo forclusão foi introduzido por Lacan e estaria na origem da psicose (ibid.). Corresponde à *Verwerfung* em Freud que, no entanto, emprega este último termo em vários sentidos, e basicamente para: *a.* Recusa sob o modo do recalque; *b.* Rejeição, no julgamento consciente de condenação; *c.* Rejeição da representação insuportável e de seu afeto, como se a representação nunca tivesse chegado ao ego. Em Freud outros termos se aproximam do sentido de forclusão: *d.* *Ablehnen*, afastar, declinar; *e.* *Aufheben*, suprimir, abolir; *f.* *Verleugnen*, denegar (Laplanche e Pontalis, 1967). Se fica claro que alguns desses sentidos designam outras condições que não a psicose (a, b, f), nem sempre encontramos os mesmos termos a respeito da psicose. Por exemplo, quando C. Soler procura diferenciar psicose e autismo. Ela parte de Lacan, da alienação e separação como constituintes das duas operações de causação do sujeito: A inscrição em um discurso seria condicionada

pela separação, dependente do Nome-do-Pai: “...o fora-de-discurso da psicose é sua instalação no campo da alienação...; pode-se situar o autismo em um aquém da *alienação*, uma recusa a entrar nela, um *deter-se na borda*” (Larousse, 1995).

Falando de Dick, criança autista tratada por M. Klein, Lacan (1975) usa Assunção e *Bejahung* como sinônimos: “Com certeza ele já tem uma certa apreensão dos vocábulos, mas ele não fez a *Bejahung* destes vocábulos, ele não os assume”. Por definição, a afirmação – *Bejahung* – é equivalente da unificação, depende de Eros, e a negação – *Verneinung* – o sucessor da expulsão ou da pulsão de morte (Freud, 1925; Larousse, 1995). É verdade, Lacan (1966) considera que “a *Verwerfung* é exatamente o que se opõe à *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso”. No entanto, essa rejeição, esta “não-*Bejahung*”, nós “não podemos colocá-la, absolutamente, no mesmo nível que uma denegação. ... De uma maneira geral, de fato, a condição para que alguma coisa exista para um sujeito é que haja *Bejahung*, esta *Bejahung* que não é a negação da negação”. Ou, para dizer de outra forma, “A própria redução da negação que porta sobre o denegado nem por isso nos leva, da parte do sujeito, à sua *Bejahung*” (Lacan, 1975).

Aqui podemos nos perguntar se, para a criança, há “afirmação” sem “negação” e numa transposição, para os pais, se há assunção sem recusa. Ora Lacan insiste, “há uma *negatividade* fundadora no cerne do sujeito falante que não só situa a articulação entre real e simbólico, mas também aquela entre simbólico e imaginário” (Kaufmann, 1996). Ele se pergunta ainda sobre Dick e sobre o fato de que ele não emite nenhum apelo: “O que representa o apelo no campo da palavra? Bem, é a possibilidade de recusa. Eu digo, a possibilidade... é no momento em que se produz o apelo que se estabelecem no sujeito as relações de dependência” (Lacan, 1975). Aplicando essas considerações ao que nos interessa, diremos que o importante não é que a recusa venha a ser possível ou não, e sim que seja possível recusar, como condição prévia de uma legítima aceitação. Neste sentido, “uma oferta literalmente irrecusável” não é uma oferta – como na injunção: ame-o ou deixe-o. Lembremos que, na nossa prática, ainda ocorre ouvirmos pais adotivos – no sentido jurídico – queixarem-se de que receberam uma criança inesperadamente e sem tempo para reflexão: ela chegou por intermédio de pessoas que, conhecendo-os, queriam ajudá-los.

Então partimos da possibilidade de recusa, introduzida com o apelo da criança, para chegar à “possibilidade” de recusa dos pais na adoção da fantasia: Não se trata de dicotomia, de bipartição entre assunção e recusa. Trata-se de uma relação dialética em que a possibilidade de recusa – de um certo estranhamento da criança real –, longe de inviabilizar a adoção, traz em si a semente do que virá a ser a diferenciação.

Assentimento e recusa

A função do outro na afirmação do eu advém com o fato de que no estágio do espelho a imagem da forma do outro é assumida pelo sujeito. Nesse estágio, o advento do simbólico se dá quando a criança se volta para o adulto, como que para buscar de algum modo seu assentimento (Kaufmann, 1996). Lacan (1991) fala do “gesto da cabeça da criancinha que se volta para aquele que o carrega. Não é preciso tanto, quase nada. Um relâmpago, mas é dizer demais, pois um relâmpago sempre foi considerado como o próprio signo do Pai dos deuses, nada menos – e não é por acaso que eu o adianto”. Podemos estabelecer a hipótese: Para que haja assunção no estágio do espelho deve haver antes um momento equivalente na adoção da fantasia em que a mãe, olhando para a criança, se volta para o pai e este lhe dá seu assentimento. Vemos isso no filme *Mogli*, na cena da adoção. No filme da Disney a mãe lobo encontra e gosta do menino. O pai lobo o fareja, olha com a expressão séria para a mãe. Esta lhe faz um apelo com o olhar. O pai olha para a criança que lhe dirige balbucios e o pai abre um grande sorriso de aceitação. Então a mãe carrega a cesta com Mogli para dentro da caverna seguida pelos lobinhos e pelo pai. No texto de Kipling o pai pergunta: “Você quer mesmo ficar com ele? ... Mas o que nosso grupo irá dizer? A lei da selva é clara, ... (quando filhotes podem ficar de pé): Os outros lobos devem vê-los e conhecê-los. Depois disso o grupo tomará conta dos filhotes e ninguém os machucará” (Kipling, 1991). A esse respeito, numa conferência, Marie-Christine Laznik nos falou do caso de uma criança autista que incessantemente assistia justamente esta cena.

Ora, nem sempre a mãe encontra o assentimento do pai. Isso é ilustrado por Hamlet que para Lacan (1958-1959) é a tragédia do desejo ou o “drama do desejo na sua relação com o desejo do Outro”. A peça é “dominada por este Outro, ... a mãe, quer dizer o sujeito primordial da demanda: ... o verdadeiro sujeito onipotente”. Mas não se trata aqui da onipotência da mulher – dita “onipotência do pensamento”. Trata-se da onipotência “do sujeito como sujeito da primeira demanda”. Para o autor, o sujeito se apreende como sujeito no outro, enquanto o outro pensa nele como sujeito. Então algo se estabelece na relação de confiança, passando pelo “conflito mais primitivo na relação da criança com o outro”: “Em que medida e até que ponto posso contar com o outro? O que há de confiável nos comportamentos do outro? O que posso esperar do que já foi prometido por ele?” (ibid.).

Em termos lacanianos, este conflito parece corresponder à interrogação sobre o “objeto estético” de Meltzer: “Ele também é bonito no interior?” (Ribas, 1992).

A “regulação imaginária do que constitui o suporte do desejo representa esta assunção pelo sujeito de seu querer essencial, que vem se regular sobre algo que está na sua frente e, ao mesmo tempo, ao nível do sujeito inconsciente, ... e que chamamos fantasia”. É numa relação terceira com a fantasia que o sujeito se cons-

titui como desejo e Lacan (1975) diz poder fazer passar a assunção do sujeito também por **a** (**a**: o objeto, para o autor. Com a introdução do objeto **a** na psicanálise, o objeto torna-se aí “ativo” e o sujeito, efeito [Kaufmann, 1996]). Então, consideraremos o “**a** que assume o sujeito” como uma interpretação da fórmula de Pirandello: “personagens à procura de um autor”, isto é, “objeto-causa” da fantasia à procura de sujeito.

Falando da pulsão de ver, Freud (1915) diz que no terceiro tempo pulsional “há introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe para ser olhada por ele”. Para Lacan (1973) deve-se entender “novo” não no sentido “que já haveria um, a saber o sujeito da pulsão, e sim que é novo ver aparecer um sujeito”. Quanto à adoção, o que há de novo com o recém-nascido? De novo, um sujeito pode vir a nascer da adoção da fantasia.

Se Ofélia é qualificada por Hamlet como “a vida pronta para explodir, da vida portadora de todas as vidas”, ele assim o faz para afastá-la: *Why wouldst thou be a breeder of sinners?* (Shakespeare, 1980). (Por que hás de gerar pecadores?) Ela não é mais tratada como uma mulher e será “puro e simples suporte de uma vida que se torna para Hamlet condenada” (Lacan, 1958-1959). Ofélia “é o falo enquanto símbolo significante da vida e que, como tal, ele rejeita”. Só trata-se disso, a saber, da fecundidade – Hamlet diz a Polonius: “*Conception is a blessing, but as your daughter may conceive, friend, look to't*” (A concepção é uma benção; não, porém, como vossa filha pode conceber. Cuidado, amigo!) (Shakespeare, 1980). A mulher é compreendida “unicamente como portadora desta turgescência vital que se trata de maldizer e esgotar” (Lacan, 1958-1959).

Outro ponto fundamental: a articulação da forclusão com o luto. Ofélia tornou-se o “símbolo mesmo da rejeição do desejo de Hamlet”. Lacan pergunta-se que relação há entre o que ele traz como a fórmula da fantasia concernindo a constituição do objeto no desejo, e o luto. É por meio do luto, “assumido na mesma relação narcísica que há entre o eu e a imagem do outro”, que Hamlet torna-se “capaz de lutar e de matar”. O objeto aqui “só é reconquistado pagando-se o preço do luto e da morte”. Lacan (ibid.) estabelece que o luto (*o buraco no real produzido pela perda*) está numa relação inversa àquela da *Verwerfung* (*o que é rejeitado no simbólico reaparece no real*). Mas o que os distingue?

Situações clínicas

Podemos relacionar algumas situações clínicas com o nosso tema (embora neste trabalho apenas possamos evocar a relação enfatizada pelos autores da depressão materna com transtornos severos do bebê).

Podemos dizer que no luto, trata-se do impossível do objeto ausente, graças a seu desaparecimento; na *verwerfung* do impossível do objeto inexistente. Relacio-

namos aqui essas duas situações com: a natimortalidade e a pseudociese. Na natimortalidade trata-se da perda do objeto, que na pseudociese ou surge alucinatoriamente (psicose) ou está implicado na conversão histérica.

Segundo Lacan (ibid.), na neurose trata-se de “cegar-se, na sua dedicação ao outro, sobre sua própria insatisfação”. O pior cego é o que não quer ver. Essa poderia ser a versão neurótica da relação de objeto. E na vertente psicótica: O pior cego é o que quer ver (M. Fernandes). Quer ver... sinais que não existem. Mas a cegueira não está sempre aonde pensamos. No Brasil, no início de 2000, teve-se notícia de uma cesariana em um “trabalho de parto” ao término de uma pseudociese. É verdade, isso corrobora que as condições de trabalho na saúde podem ser inaceitáveis.

Na natimortalidade encontram-se intensificadas as condições em causa no luto, por ocasião de uma dupla perda. À perda da criança imaginária soma-se a perda da criança real: perda da criança que, socialmente, não foi conhecida viva. O próprio termo natimorto reúne significantes antinômicos cuja estranha conjugação evoca a fusão-desfusão pulsional de Freud.¹

Definimos a *adoção recusada* como o processo em que a recusa da fantasia de adoção se traduz no desinvestimento da criança real. Ela estaria em causa no surgimento do autismo infantil primário. A exemplo de Lacan na definição mais acima, diremos que as funções no “luto da natimortalidade” e na “adoção recusada” encontram-se numa relação inversa: de um lado, objeto ausente e trabalho de “remanejamento do investimento”; de outro, objeto presente, mas desinvestido.

Na hipocondria, como na pseudociese, trata-se de fantasia de gravidez e em um contexto ora neurótico, ora psicótico. Perrier (1978) descreve a análise de um hipocondríaco cuja mãe era melancólica em virtude da morte de um filho mais velho. Ela ficou inconsolável e o paciente veio a ocupar o lugar de substituto da criança morta. Ele tornou-se sua própria mãe, “alienou-se no mundo simbólico materno para engravidar-se de si próprio enquanto criança falo”. Sobre a hipocondria, Oury considera como sendo uma das raízes da fantasia de gravidez: “refazer o mundo, ser sua própria ‘mãe’” (Kaufmann, 1996). Neste sentido podemos dizer que na hipocondria trata-se de “*fantasia de auto-adoção*”. Na hipocondria, os autores destacam a importância de antecedentes de aborto (Correia, 1986) e da frequência com que aparece na biografia a morte de um irmão mais velho Levy (ibid.), Perrier (1978), inclusive por natimortalidade como descrito por Delahousse (Correia, 1986) e num caso que apresentamos.

1. A este respeito, ver também: J. Guyotat. Recherches psychopathologiques sur la coïncidence mort-naissance. *Psychiatrie à l'Université*, 1982, 7 (27): 463-476.

Na perversão, uma preocupação maior: Na mulher os objetos naturais, aqueles dos quais há separação, incluindo em primeiro lugar seu produto infantil, terminam realizando esta função de objeto do desejo, como equivalências simbólicas do falo. E “se há menos perversões nas mulheres que nos homens, é que em geral elas satisfazem suas relações perversas nas relações com suas crianças ...e por isso há algumas crianças das quais temos de cuidar, como analistas” (Lacan, 1958-1959). Mas esse tipo de relação incide na subjetivação e nos seus entraves? De que formas?

Em que medida podemos falar de contra-investimento no abandono? No “abandono esclarecido” a renúncia e a cessão dos direitos sobre a criança traduzem um reconhecimento da mesma e de seus próprios direitos. É talvez neste sentido que Dolto afirma que há “Dom” em abandono. É necessário primeiro *doação*, para que haja *adoção* por outros pais. Caso contrário a *criança* continua *pendente*, “*en souffrance*”. O que ocorre na “síndrome de abandonismo materno”? Estas mães abandonam mais frequentemente? Pode ocorrer que para esta mãe a questão não seja a adoção de sua criança, mas a reativação de sua expectativa de ser adotada. Se a mãe não abandona a criança, é na expectativa de regularizar sua própria adoção por intermédio da criança.

Na *adoção não decidida* há contra-investimento, podendo ocorrer a obsessionalização da maternagem. Para Lacan, o altruísmo do neurótico é permanente. Não é ele, mas sua imagem que o substituiu na dialética do desejo. Ele só pode demandar substitutos, acreditando demandar o que deseja. Sabemos que a função maior do desejo no obsessivo é manter a distância, a obsessão se caracteriza pela função de um desejo impossível: o objeto de seu desejo toma valor essencial de significante dessa impossibilidade. Quando impossibilidade e adiamento marcam os cuidados parentais vemos ameaça de “perda de uma faculdade ou de um direito (de constituição subjetiva?) não exercido nos prazos prescritos”, conforme a definição de forclusão do *Dicionário Petit Robert*. Considerando sobre o obsessivo: “não é ele que goza” (Lacan, 1958-1959), uma atenção especial deve ser dada à possibilidade de encontrar substitutos na maternagem, pelo menos até se alcançar um mínimo na constituição subjetiva da criança.

Referências bibliográficas

- CORREIA, J. Étude sur l'hypocondrie, présentation de trois cas cliniques. Mémoire pour le C.E.S. de psychiatrie, soutenu publiquement le 4.2.1986, Université Paris VII, Président du Jury: T. Lempérière, pp. 63, 36, 34.
- DICIONÁRIO DE PSICANÁLISE LAROUSSE. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 24.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

- FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 150. v. XIV.
- _____. (1925). A negativa. *E.S.B.* Op. cit., p. 300. v. XIX.
- KAUFMANN, P. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, pp. 357, 160, 377, 241.
- KIPLING, R. *The Jungle Book*. England: Longman Classics, 1991, pp. 4, 5.
- KLEIN, M. The importance of symbol-formation in the development of the ego. In *Contributions to Psycho-analysis (1921-1945)*, 1948.
- LACAN, J. (1953-1954). *Le séminaire. Livre I. Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil, 1975, pp. 83, 70, 79, 98, 102.
- _____. (1955-1956). *Le séminaire. livre III. Les psychoses*. Paris: Seuil, Paris, 1981, pp. 346, 352, 353, 354, 355, 329, 330, 361.
- _____. (1958-1959). *Le séminaires. Livre VI. Le désir et son interprétation*. Document interne de l'Association freudienne internationale, pp. 381, 319, 390, 320, 381, 313, 332, 333, 347, 297, 334, 349, 472, 475, 474, 326, 348.
- _____. (1959-1960). *Le séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.
- _____. (1960-1961). *Le séminaire. Livre VIII. Le transfert*. Paris: Seuil, 1991, p. 437.
- _____. (1964). *Le séminaire. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973, p. 162.
- _____. Réponse ao comentário de Jean Hyppolite sur la *Verneinung* de Freud. In *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 387.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1967, pp. 153, 156, 164.
- MACALPINE, I. and RICHARD, H. *The Schreber Case, The Psychoanalytic Quarterly*, Volume XXII, 1953, 328-371. (pp. 338, 342, 365, 340, v. também prefácio e posfácio da edição em inglês do texto de Schreber).
- PERRIER, F. (1959). Psychanalyse de l'hypocondriaque. In *La Chaussée d'Antin*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1978, p. 241.
- PIRANDELLO, L. *Théâtre complet*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1977, pp. 999, 996, 997, 998, 1001, 1347, 1356, 1002, 1003, 1004.
- _____. (1925). Preface to *Six Characters in Search of an Author*. In *Naked Masks: Five Plays*, Plume Books, 1991, pp. 363-375.
- RIBAS, D. Irreprésentables de l'autisme infantile précoce – Représentations sans représentance, sans représentant. *Rev. franç. Psychanal.*, 1/1992, Tome LVI, Janvier-Février, pp. 149-157.
- SCHREBER, D.P. *Mémoires d'un névropathe*. Paris: Seuil, 1975.
- SHAKESPEARE, W. Hamlet, Prince of Denmark. *The Complete Works of Shakespeare*. 3rd ed. David Bevington, 1980, pp. 1089 III, 1, 1094 II, 1.

Resumos

Con el fin de prevenir trastornos psíquicos precoces, nos interesó la integración del psicanalista con el pediatra y la asistente social en la atención pública en la región Nordeste de Brasil. En este contexto, presentamos reflexiones surgidas en el Centro Médico Psicopedagógico Infantil, CEMPI, desarrolladas por el Grupo Psicoanálisis y Pediatría. Buscamos entender factores en causa en la adopción y en sus impedimentos. Establecemos la hipótesis de que es la asunción de la fantasía relacionada a niños y niñas que genera la adopción de la fantasía, realizando así la "adopción psíquica". Dificultades en la carga de los padres se traducen en trastornos de la "adopción psíquica". Distinguimos: adopción bien sucedida, adopción rechazada (autismo), abandono y adopción no decidida. Intentamos desarrollar los conceptos propuestos buscando basar la construcción de sus formulaciones en la literatura y en situaciones clínicas. La necesidad de formular estos conceptos y sus articulaciones se justifica por entender que las situaciones clínicas a ellos asociadas son la circunstancia más indicada para la intervención precoz.

Palabras llave: Adopción psíquica, adopción rechazada, autismo infantil, adopción no decidida, "obsesionalización" de los cuidados maternos, abandono, fantasía de embarazo, duelo

Ayant comme objectif la prévention des troubles psychiques précoces, nous nous sommes intéressés par l'articulation du travail du psychanalyste avec le pédiatre et l'assistente sociale dans la prise en charge publique de notre région. Dans ce contexte, nous présentons des réflexions nées au Centre Médique Psicopédagogique Infantile, CEMPI, Recife – Brésil, qui ont été développées par le Groupe Psychanalyse et Pédiatrie.

Nous cherchons à comprendre les facteurs en cause dans l'adoption et dans ses empêchements. Nous établissons l'hypothèse que c'est l'assomption du fantasme relatif à l'enfant qui donne lieu à l'adoption du fantasme, en réalisant ainsi "l'adoption psychique". Des difficultés dans l'investissement des parents se traduisent dans des troubles de l'adoption psychique. Nous distinguons: "L'adoption réussie, l'adoption refusée (autisme), l'abandon et l'adoption non décidée".

Nous visons le développement des concepts proposés en essayant de fonder la construction de leur formulation dans la littérature et dans des situations cliniques. La nécessité de formuler ces concepts est justifiée par la compréhension que les situations cliniques qui leurs sont associées sont le terrain de choix pour l'intervention précoce.

Mots clés: Adoption psychique, adoption refusée, autisme infantile, adoption non décidée, obsessionalisation du maternage, abandon, fantasme de grossesse, deuil.

With a view to preventing early psychic disturbances, we are interested in the joint work of psychoanalysts, pediatricians and social workers in treating the underprivileged. In this context, we present the thoughts of the Group of Psychoanalysis and Pediatrics at the Children's Medical and Psycho-pedagogical Center (CEMPI).

We attempt to understand causal factors related to adoption and to its impediments. Our hypothesis is that it is the assumption of the fantasy related to the child that brings about adoption of the fantasy and, consequently, "psychic adoption." Difficulties in the cathexis of the parents become upheavals in establishing "psychic adoption." We distinguish between successful adoption, refused adoption (autism), abandonment, and undecided adoption.

These concepts are developed on the basis of the construction of their formulation in literature and in clinical situations. The need to formulate these concepts is justified by the understanding that the related clinical situations are grounds for early intervention.

Key words: Psychic adoption, adoption, refused adoption, child autism, undecided adoption, obsessionalization of mothering, abandonment, pregnancy fantasy, mourning